



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



LAÉRCIO MARIANO PEREIRA

SÊNOHIKO TÊRENOE ÍHAE VÍPUXOVOKU YA PÂNANA, KAVÁNETIHIKO YA
PITIVÓKOKE

MULHERES TERENAS INDÍGENAS FEIRANTES DA ALDEIA BANANAL:
VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E O PROTAGONISMO

Aquidauana -MS
2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



LAÉRCIO MARIANO PEREIRA

**SÊNOHIKO TÊRENOE ÍHAE VÍPUXOVOKU YA PÂNANA, KAVÁNETIHIKO YA
PITIVÓKOKE**

**MULHERES TERENAS INDÍGENAS FEIRANTES DA ALDEIA BANANAL:
VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E O PROTAGONISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso/TCC em História
da Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul/UFMS/ Campus de Aquidauana/CPAQ, sob a
orientação da profa. Dra. Vera Lúcia Ferreira Vargas
Cesco, para obtenção do grau de Licenciado em
História.

Aquidauana -MS
2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Banca

Profa. Dra. Vera Lúcia Ferreira Vargas Cesco
Orientadora/UFMS/CPAQ

Profa. Dra. IáraQuelho de Castro
Membro interno/UFMS/CPAQ

Profa. Ms. Janete Andrade de Lima
Membro externo/UFMS/Aquidauana

SÊNOHIKO TÊRENOE ÍHAE VÍPUXOVOKU YA PÂNANA, KAVÁNETIHIKO YA PITIVÓKOKE

MULHERES TERENAS INDÍGENAS FEIRANTES DA ALDEIA BANANAL: VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E O PROTAGONISMO

Laercio Mariano Pereira¹

Vera Lúcia Ferreira Vargas Cesco²

Resumo: O presente artigo é o resultado da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC em História do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Campus de Aquidauana/CPAQ. Tem por objetivo registrar e apresentar os relatos de três mulheres indígenas Terena feirantes em suas práticas socioculturais, como a de comercialização de produtos na aldeia para as cidades. Para isso foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica sobre as mulheres indígenas, voltada para as Terena, assim como foi necessário realizar uma pesquisa de campo, mais especificamente por meio de entrevistas com as mulheres que são feirantes e que residem na Aldeia Bananal (Pânana), localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, a 60 km da Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Para a fundamentação teórica, recorreremos a nova história indígena por permitir compreender a história das mulheres feirantes indígenas como resistência. A pesquisa permitiu o registro dos relatos orais e assim a compreender que as atividades das mulheres feirantes estiveram ligadas à sua sobrevivência e ao sustento familiar, em um contexto em que o apoio à comunidade era muito limitado. Assim, sua atuação representa coragem, resistência e compromisso com o bem-estar de seus lares e de sua coletividade.

Palavras-chave: Mulheres feirantes, Terena, Resistencia, Protagonismo, Feira.

O presente artigo se refere à pesquisa realizada sobre as mulheres Terena feirantes da aldeia Bananal, que está localizada na Terra Indígena Taunay Ipegue, distante 60 Km, de Aquidauana, com uma população estimada em 1200 (mil e duzentas) pessoas, segundo dados do com DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena)³, a maioria de sua população é falante da língua Terena.

¹Indígena Terena discente do curso de História Licenciatura Plena da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS Campus de Aquidauana/CPAQ.

²Profa. Dra. História no curso de Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais/PPGCult da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS Campus de Aquidauana/CPAQ.

³ Informações referentes ao final do ano de 2024 e início de 2025.

A pesquisa busca compreender como as mulheres Terena da aldeia Bananal elaboram suas trajetórias como feirantes e quais experiências assinalam sua atuação nas feiras da região?

A importância dessa pesquisa justifica-se primeiro pelo contexto que vivencio desde criança, pois pertenço a essa comunidade indígena, sou filho de feirante e desde criança acompanho o trabalho de minha mãe. Assim, na minha infância tive o privilégio de acompanhar a minha mãe nessa trajetória, lembro-me que para levar os produtos até o pitivóko⁴, a nossa rotina era de acordar às 4 horas da manhã e esperar o caminhão⁵ para nos levar juntamente com os nossos produtos, e a maioria das mulheres indígenas tinham a mesma rotina e sempre estavam acompanhadas de seus filhos. Nós filhos o nosso papel era de ajudante, mas ao mesmo tempo divertíamos, pois tudo isso era novo para nós.

Antes da minha mãe ser feirante ela foi trabalhar como empregada doméstica na cidade de Campo Grande com a intenção de ajudar no sustendo da família, já que minha avó (sua mãe) trabalhava de doméstica, e o meu avô, (seu pai), sem condições de manter a família, sem emprego na cidade, pois sua experiência era trabalhar na roça, compreendia e falava muito pouco o português e isso tornava tudo ainda mais difícil para ele, na cidade.

Segundo para demonstrar o trabalho das mulheres indígenas Terena, que ainda hoje permanecem exercendo uma função muito importante na comunidade, principalmente como mantenedora do seu lar em busca de melhorias em suas vivências, trazendo para dentro de suas casas o sustento da família. E a família Terena é composta por várias outras famílias que ali vivem, como filhos, nora, genro e netos, se tornam famílias grandes.

Nesse sentido essa pesquisa tem por objetivo registrar e demonstrar as experiências vividas pelas mulheres Terena da aldeia Bananal em suas trajetórias como feirantes, considerando as práticas e dinâmicas que permeiam sua atuação nas feiras da região.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos à Nova História Indígena. De acordo com Monteiro (1995), compreender a história indígena exige reconhecer os povos indígenas como sujeitos históricos ativos, capazes de negociar, resistir, adaptar-se e transformar suas realidades ao longo do tempo. No caso do povo Terena, essa perspectiva

⁴ Cidade – na língua Terena

⁵ Assim era chamado o caminhão que levava as feirantes à cidade, era o senhor Severiano Marcos funcionário da Funai, era um senhor moreno e indígena, a função dele era tratorista da Funai e ele que era motorista do caminhão.

é fundamental para analisar suas estratégias de sobrevivência, sua participação nas dinâmicas regionais, sua relação com o Estado e, sobretudo, o protagonismo das mulheres feirantes presentes nos três relatos analisados. Além disso, utilizamos as experiências e histórias de vida de mulheres da comunidade, especialmente de três moradoras da aldeia Bananal, entre elas minha mãe, Anita Mariano.

A organização social Terena é marcada por papéis distintos, definidos por aspectos como gênero, idade e relação com o contexto urbano. Enquanto muitos homens se deslocam para as cidades em busca de trabalho e de novas oportunidades econômicas, as mulheres assumem papel central na subsistência familiar dentro da aldeia. Algumas, como as feirantes que ainda se dedicam a comercialização de seus produtos, atuam na agricultura, na produção de alimentos e na comercialização de produtos orgânicos, outras nas mais distintas áreas, principalmente na educação e na saúde. Dessa forma o protagonismo feminino garante não apenas a sobrevivência material das famílias, mas também fortalece a autonomia das mulheres e sua importância estratégica no interior da comunidade.

A presença das mulheres nas feiras indígenas, vendendo produtos cultivados de maneira sustentável, constitui um espaço de visibilidade e reconhecimento de seus saberes, ao mesmo tempo em que promove o diálogo intercultural entre aldeia e sociedade urbana. Nesse sentido, a comercialização dos alimentos orgânicos funciona como um instrumento de empoderamento, pois transforma o trabalho agrícola em meio de geração de renda, reforçando a autonomia econômica e política das mulheres dentro de suas comunidades.

O envolvimento das mulheres Terena na produção e comercialização de alimentos orgânicos também exerce um papel educativo dentro da comunidade. Ao assumirem a responsabilidade pela subsistência familiar, elas transmitem conhecimentos agrícolas, valores culturais e práticas de cuidado com a terra às gerações mais jovens, atuando como agentes de educação intercultural. Esse processo permite que crianças e adolescentes compreendam não apenas os aspectos técnicos da agricultura, mas também o significado cultural das práticas tradicionais, reforçando a ligação entre saberes ancestrais e vida cotidiana.

A pesquisa foi construída por meio do registro de relatos orais, de fotografias e de levantamento bibliográfico, com base na leitura de artigos, dissertações e teses produzidos por pesquisadores indígenas e não indígenas.

Atualmente existe uma considerável produção acadêmica sobre os Terena, abordando os mais diferentes aspectos de sua cultura, como Galan (1994) Cardoso (2004, 2011), Miranda (2006), Corrêa (2007), Mussi (2008), Nascimento (2014), Sebastião (2012, 2018), Gonçalves Cardoso (2002), entre outros.

Aqui optamos por mencionar alguns dos trabalhos voltados para o tema da pesquisa, e priorizamos as atividades desenvolvidas por pesquisadores indígenas. No entanto, um dos primeiros trabalhos desenvolvidos sobre as mulheres feirantes, foi realizado por Maria Cristina Galan, com o título “As Terena” resultado de sua pesquisa referente a sua dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, em 1994. Galan, estabeleceu por objetivo “Obter um maior conhecimento antropológico da mulher na sociedade indígena Terena do Mato Grosso do Sul” (Galan, 1994, p.3) seu trabalho de campo ocorreu entre as aldeias Limão Verde, no município de Aquidauana e a Cachoerinha no município de Miranda.

A pesquisa de Galan revela informações importantes sobre o contexto geral das atividades desenvolvidas pelos Terena e a sociedade envolvente, entre as quais observa que, um dos principais elementos que permitia a inserção dos Terena no contexto urbano era o trabalho, assim:

Através do comércio e do mercado os Terena se relacionam com a população regional e ingressam na estrutura de classes nacional, (...) nesse aspecto, poder-se-ia voltar a questão do papel sócio-econômico da mulher, na medida em que é a principal responsável pela comercialização dos produtos das aldeias. (Galan, 1994, p. 42)

Realidade comum as demais aldeias da região, os Terena de modo geral são conhecidos como excelentes agricultores e trabalhadores regionais. A comercialização dos produtos agrícolas e dos artesanatos indígenas ainda são realizadas pelas mulheres Terena, contribuindo diretamente na economia regional tanto com a venda por meio da comercialização de seus produtos, quanto pelas compras que realizam nos mercados das cidades, principalmente de Aquidauana.

A presença das mulheres feirantes na cidade de Aquidauana é bastante comum, faz parte do cotidiano da cidade. Entre outros trabalhos de pesquisas que abordam a questão constam o trabalho de conclusão de curso de Erica Lima Bordowicz “As Mulheres Terena da Aldeia Limão Verde” (2015), que demonstrou as atividades desenvolvidas pelas mulheres feirantes Terena da aldeia Limão Verde, registrando o seu cotidiano nas feiras da cidade de Aquidauana. Nesse sentido, consta também o trabalho

de concussão decurso de Tatiana da Silva Lima dos Santos: “A agricultura Terena da aldeia Limão Verde: do plantio à feira indígena de Aquidauana” (2017).

Nesse sentido Marques afirma que:

Os Terena de Limão Verde sempre tiveram suas atividades voltadas para a agricultura, garantindo sua economia por meio da venda dos produtos cultivados pela comunidade em uma feira realizada no município de Aquidauana, hoje localizada em frente à estação ferroviária e ao lado do mercado municipal. Algumas mulheres vendem suas produções na cidade, de casa em casa. (Marques, 2012, p. 78)

Destaca-se, nesse contexto, o protagonismo das mulheres, que se deslocam para as cidades de Aquidauana e Campo Grande a fim de comercializar seus produtos em feiras indígenas, espaços estes, de visibilidade e resistência cultural que reafirmam identidades e saberes tradicionais em diálogo com a sociedade envolvente.

Os Terena de Limão Verde sempre tiveram suas atividades voltadas para a agricultura, garantindo sua economia por meio da venda dos produtos cultivados pela comunidade em uma feira realizada no município de Aquidauana, hoje localizada em frente à estação ferroviária e ao lado do mercado municipal. Algumas mulheres vendem suas produções na cidade, de casa em casa. A comunidade de Limão Verde desenvolve também, porém em pequena quantidade, a criação de animais como bovinos, suínos, aves e caprinos. (Jesus, 2014, p. 36).

Entre as pesquisas mencionadas das feirantes da aldeia Limão Verde destacamos a realizada pelo pesquisador Terena Valdevino Gonçalves Cardoso (2022), que demonstrou por meio de seu trabalho de campo as atividades desenvolvidas pelas mulheres Terena, sobre suas vivências e percepções relacionadas às suas atividades. Assim, demonstrou que as feirantes

Atuam de modo significativo para além de suas aldeias e roças, realizam um trabalho intercultural, de (re)afirmação de identidade étnica, lugar a partir do qual se posicionam, requerendo respeito e reconhecimento à diferença, sendo a feira um entrelugar, espaço de percepção e modo como as feirantes Terena se posicionam no interior da sociedade envolvente e como realizam estratégias de convivência em zonas de fronteiras culturais. (Cardoso, 2022, p. 7)

Como é possível perceber existe uma produção consistente sobre as mulheres feirantes da aldeia Limão Verde.

Cristiano Pereira Mendes, Terena da aldeia Lagoinha, Terra Indígena Taunay/Ipegue desenvolveu em seu trabalho de conclusão de curso em História um dos primeiros trabalhos de pesquisa sobre as mulheres, intitulado “Feirantes Terena da ‘Kali Lâvova’”. (2023). Demonstrou a trajetória de cinco feirantes na aldeia, com idades entre 37 e 60 anos, comercializando diferentes produtos e contribuindo diretamente para o sustento financeiro de sua casa.

As pesquisas apresentadas permitiram compreender a importância dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres indígenas feirantes, nas diferentes aldeias apresentadas aqui. Agora voltamos mais especificamente para a aldeia Bananal, a feira começa muito antes da venda dos produtos seja nas aldeias ou nas cidades. É trabalho constante, primeiro cuidando da roça, ou negociando os produtos com os vizinhos, depois arrumar os produtos que serão comercializados, como a maioria não tem transporte próprio depende de auxílio para realizá-lo.

Imagem 1: Anita Mariano



Fonte: Arquivo pessoal, Laercio Mariano, março de 2023, aldeia Bananal.

A imagem acima demonstra dona Anita, esperando o ônibus com seus produtos para vender na cidade, ela aparece ao lado da nora, que foi ajudá-la a levar a mercadoria até o ponto. É nesse mesmo local que ela desce ao retornar da cidade, e muitos, ao vê-la, já sabem que é ela chegando. A foto foi tirada no dia 16/03/2023, às 05h40 da manhã, e possui um grande significado: mostra que ela segue em busca do próprio sustento, com a certeza de que, ao voltar, trará algo para ajudar a família. Desde que começou a ser feirante, sempre lutou e batalhou, nunca teve vergonha do seu trabalho, e muitos admiram sua coragem.

Assim como ela, outras feirantes fazem esse mesmo caminho, assim, como demonstram os relatos de experiências de três delas a seguir.

Relatos de experiências das feirantes da Aldeia Bananal

Elizabeti Dias

Elizabeti Dias nasceu em 1966, na aldeia Bananal. Está com 58 anos de idade e é mãe de cinco filhos. Iniciou sua atividade como feirante aos 16 anos, incentivada por sua tia Clementina (in memoriam). Ela lembra que, naquele tempo, não havia ônibus circulando na aldeia, apenas o trem de passageiros, lá em Taunay, onde elas embarcavam para a cidade de Aquidauana às 15 horas, com retorno para aldeia no outro dia às 11 horas. Caminhavam a pé da aldeia até o distrito de Taunay. Suas mercadorias eram transportadas por um senhor chamado Severiano Marcos, da própria aldeia, que tinha uma carroça, tanto na ida quanto na volta. Eram duas horas de viagem até chegar ao destino, na cidade de Aquidauana. Dormiam na estação de trem, no piso, com apenas um lençol no chão. A comida era comprada ou, às vezes, oferecida por pessoas conhecidas. A rotina era ir de casa em casa oferecendo seus produtos. Houve um tempo em que a FUNAI, vendo essa situação, disponibilizou um caminhão somente para as mulheres feirantes, saindo às 3 horas da madrugada e retornando às 16 horas do mesmo dia, pois o veículo passava em todas as aldeias devido ao horário de saída. Na mesma aldeia havia uma moradora que fazia feira em Campo Grande, dona Ingracia, que já tinha um ponto fixo lá. Ela convidou Elizabeti para vender seus produtos na cidade de Campo Grande. Elizabeti aceitou, e as duas saíam todas as sextas-feiras e retornavam às segundas-feiras. Ela ensinou Elizabeti a fazer feira até que ela aprendesse. O ponto onde ficavam era em frente ao Mercado. Os produtos eram da roça: milho, feijão-miúdo, maxixe, mandioca, abóbora, entre outros. Ensinada pela tia no começo, andavam juntas de casa em casa, orientando e mostrando como agir dentro da cidade. Elizabeti encontrou dificuldades principalmente na fala, pois

desde criança só falava em Terena. Também enfrentava dificuldades para dormir, já que dormiam no chão, e com a alimentação, que precisava ser comprada ou recebida de alguém. Essas foram as principais dificuldades que encontraram. Ela ressalta também que, em certo período, uma empresa de ônibus chamada Expresso Mato Grosso começou a fazer linha dentro das aldeias, levando os moradores para a cidade. Nesse momento houve mudança: saíam às 5 horas da manhã, ficavam uma semana em Campo Grande e retornavam para a aldeia, onde permaneciam outra semana. O ônibus passava pela rodoviária de Anastácio, depois pela de Aquidauana, e então seguia para Campo Grande. Nessa fase, ela começou a levar produtos da natureza diretamente para Campo Grande, como manga, guavira, frutas e casca de jatobá, caju, jenipapo e alguns remédios caseiros, como raiz de cancerosa, casca de barbatimão e nó-de-cachorro, que levava sob encomenda, além das vendas vindas direto da roça. Orgulhosa de ser feirante, hoje, com essa idade, declara que trabalhar na feira ajudou a manter seu lar. Foi através desse trabalho que criou seus cinco filhos. Com as vendas, conseguia comprar roupas para eles, pagar suas dívidas e garantir uma renda para sua sobrevivência. Como evidencia a foto a seguir Elizabeti é a senhora com a blusa verde, trabalhando e vendo os seus produtos na feira em Campo Grande.

Imagem: 02 – Elizabeti Dias, Feira em Campo Grande



Fonte: Elizamara Dias, Campo Grande, 10 de março de 2025.

Neide Dias

Nascida na Aldeia Bananal, com 80 anos de idade, Neide Dias foi uma das feirantes que também construiu uma trajetória marcante, acumulando experiências que relata ao longo de sua jornada. Uma mulher que batalhou pela própria sobrevivência. Ela conta que começou a trabalhar na feira em Aquidauana incentivada por um parente, ainda no tempo do trem de passageiros. Diante das necessidades dentro de casa, decidiu começar a vender. “No começo apanhei, pois estar no meio dos brancos era um ambiente diferente, já que estávamos acostumados a falar somente em Terena. Nós andávamos a pé até Taunay para embarcar no trem que saía às 15 horas. Antes do horário já precisávamos estar lá. Fazíamos companhia uns aos outros com pessoas da nossa aldeia. Assim comecei minha trajetória. Fretávamos uma carroça para levar nossos produtos até o distrito e retornávamos no outro dia”. Ela lembra das dificuldades: a barreira da língua, o local onde dormiam — na própria estação, no chão, usando apenas um lençol como colchão — e a alimentação, que precisavam comprar. Sua rotina na cidade era bater de porta em porta oferecendo os produtos. Levava pouca mercadoria, equilibrada sobre a cabeça; quando vendia tudo, retornava para buscar mais. “Lembro também que a FUNAI disponibilizou um caminhão para as feirantes. Não precisávamos mais ir até Taunay, pois o caminhão passava de casa em casa. Depois veio também a empresa de ônibus chamada Expresso Mato Grosso, que fazia linha para a cidade. Tínhamos que acordar cedo para não perder o ônibus.” A seguir imagem de dona Neide Dias.

Imagem: 03 – Neide Dias



Fonte: Elizamara Dias, aldeia Bananal, 05 de maio de 2025.

Anita Mariano

Uma senhora residente da aldeia Bananal Distrito de Taunay com idade de 66 anos, seguindo os passos da sua mãe dona Angélica (in memória) no qual era feirante também, que lutava para sustentar os filhos, isso no tempo do trem passageiro quando funcionava. Mãe de 9 filhos Anita com idade de 19 anos começa a fazer feira dentro da cidade sendo ensinada pela sua própria mãe, nesse período batendo de porta em porta oferecendo sua mercadoria, no intuito de ajudar seu parceiro que trabalhava na corte de cana ficava 2 meses fora de casa onde a maioria dos pais também trabalhavam, outros em fazendas. No início teve dificuldades na fala, desde pequena falava língua materna, tendo estudado até 2 série os professores eram os próprios indígenas motivo da dificuldade na pronúncia de aprender língua dos brancos, mas isso não impediu de ser uma feirante, pois tinha consciência da dificuldade que enfrentava dentro da sua casa, não queria que os filhos passassem fome. Saía da sua residência às 11:00 horas chegando às 12:00 ou mais

dependendo do caminho que percorriam, levavam suas vendas na cabeça ou em carrinho de madeira feito pelo seu pai, trem chegava 14:00 ou 15:00 horas quando havia imprevisto, embarcavam voltavam no outro dia a noite dormiam na estação mesmo havia também ali outras feirantes das outras aldeias, compravam marmitas na janta e no almoço para se alimentarem. Depois de algum tempo a FUNAI concede um caminhão que levavam as pessoas para cidade saindo as três horas da manhã passando em todas as aldeias, cobrava passagem no retorno, mas depois de ter surgido uma lei que proibia transporte de pessoas no caminhão, as autoridades (caciques) procuraram outro meio de transportes onde a empresa EXPRESSO MATO GROSSO faz uma linha nas aldeias. Até atualmente Anita ainda faz feira na cidade de Anastácio, segundo ela tem orgulho de ser feirante, levando produtos direto da roça para vender trabalhando mais de 35 anos como feirante ela é bem conhecida na cidade, quando teve período da pandemia todos pensavam que ela já tinha morrido algumas não tinham mais esperança de ver novamente vendendo seus produtos. Segundo ela nunca teve vergonha ser feirante, mas com orgulho um dos legados que sua me deixou no intuito da sua sobrevivência.

Imagem 4: Anita Mariano



Fonte: arquivo pessoal Laercio Mariano Pereira, 20 de junho de 2025.

Considerações finais

A análise das trajetórias de Elizabeti Dias, Neide Dias e Anita Mariano evidencia a importância histórica, social e cultural do trabalho das mulheres indígenas Terena como feirantes na região de Aquidauana, Anastácio e Campo Grande. Suas narrativas, embora individuais, compõem um coletivo de resistência, autonomia e transmissão de saberes entre gerações. Os relatos mostram que, diante de condições adversas — como a barreira linguística, a precariedade dos meios de transporte, a necessidade de dormir em estações e a instabilidade econômica — essas mulheres construíram estratégias próprias de sobrevivência, reafirmando sua identidade e fortalecendo seus laços comunitários.

O trabalho na feira, longe de ser apenas uma atividade econômica, assume uma função estruturante na vida dessas mulheres: garante o sustento familiar, fortalece práticas tradicionais de cultivo e comercialização e reafirma a presença indígena nos espaços urbanos. Além disso, revela a centralidade das mulheres na manutenção da vida comunitária, na circulação de saberes e na continuidade cultural. A conquista por meio de transporte — do trem de passageiro, ao caminhão da FUNAI e, posteriormente, ao ônibus Expresso Mato Grosso — demonstra sua persistência, e os enfrentamentos realizados ao longo do processo.

Dentre as três pessoas entrevistadas, duas ainda permanecem ativas nas atividades de venda. Uma delas possui um ponto fixo na cidade de Campo Grande, enquanto a outra continua comercializando seus produtos de forma itinerante, de porta em porta. Ambas já são bastante conhecidas pelos moradores locais. Durante o período da pandemia, houve um tempo em que precisaram interromper as vendas, e muitas pessoas chegaram a acreditar que haviam sido vítimas da Covid-19. Por serem reconhecidas em suas comunidades, outras pessoas das aldeias vizinhas que produzem nas roças costumam procurá-las em suas casas para firmar parcerias. A forma de comercialização ocorre “a meia”, ou seja, os produtos são vendidos mediante um acordo prévio de divisão dos lucros. Assim, ao final das vendas, cada uma recebe o valor correspondente, conforme o preço de cada mercadoria, e o pagamento é feito na data combinada, geralmente na residência das vendedoras.

As questões relacionadas ao transporte dos produtos da aldeia até o destino na cidade tornam-se um desafio constante, pois essa atividade é cansativa e, muitas vezes, onerosa. Como a maioria das mulheres não possui veículo próprio, em algumas ocasiões é necessário pagar transporte para levá-las até o local de venda. Diante desses fatos, a

comercialização dos produtos representa, para elas, não apenas uma forma de melhorar as condições de vida, mas também um meio essencial de garantir a própria subsistência.

Como pertencente desta comunidade, da Aldeia Bananal, tenho observado que as mulheres desempenham um papel fundamental na construção e manutenção de suas famílias. Elas assumem funções centrais, não medem esforços diante das dificuldades e enfrentam situações que garantem sua sobrevivência e a de seus filhos. Além disso, sua atuação contribui significativamente para a movimentação econômica nas cidades, fato que motivou a escolha deste tema para reflexão e análise nesta pesquisa.

Assim, os três relatos demonstrados não apenas documentam experiências pessoais, mas também evidenciam processos mais amplos de resistência indígena, protagonismo feminino e memória coletiva. Eles reforçam a importância de reconhecer e valorizar essas histórias como parte fundamental da construção social e econômica da região, bem como da luta contínua dos Terena, por dignidade, visibilidade e autonomia.

Referências bibliográficas:

BORDOWICZ Erica de Lima. As Mulheres Terena da Aldeia Limão Verde. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História, UFMS, março de 2015.

CARDOSO, Wanderley Dias. A história da educação escolar para o Terena: origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde – Tese (História). Porto Alegre, RS: PUC/RS, 2011.

CARDOSO, Wanderley Dias. Aldeia indígena de Limão Verde: escola, comunidade e desenvolvimento local. Mestrado (Desenvolvimento Local). Campo Grande-MS: UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), 2004.

CORREA, Simone Rodrigues Pereira. Identificação dos impactos socio-econômicos resultantes da implantação de políticas públicas na aldeia Limão Verde de Aquidauana. Dissertação. (Mestrado em Geografia) UFMS/CPAQ, 2007.

DIAS, Elizabeti. [entrevista concedida a Laercio Pereira Mariano]. Título da pesquisa: Mulheres Terena indígenas feirantes da aldeia Bananal: vivências, experiências e o protagonismo. Aldeia Bananal, 2025.

DIAS, Neide. [entrevista concedida a Laercio Pereira Mariano]. Título da pesquisa: Mulheres Terena indígenas feirantes da aldeia Bananal: vivências, experiências e o protagonismo. Aldeia Bananal, 2025.

GALAN, Maria Cristina S. As Terena. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP, 1994.

GONÇALVES CARDOSO, Valdevino. SENÓHIKO KAVÁNETIHIKO, ÍHAEHIKO IPOXÓVOKUTI IHÁXENOTI TONÓ`ITI LIMAUN. Entrelugares e interculturalidade: vivências de feirantes Terena da Aldeia de Limão Verde. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). UFMS, Campus de Aquidauana, 2022.

MARIANO, Anita. [entrevista concedida a Laercio Pereira Mariano]. Título da pesquisa: Mulheres Terena indígenas feirantes da aldeia Bananal: vivências, experiências e o protagonismo. Aldeia Bananal, 2025.

MARQUES, Cintia Nardo. Os Terena da Terra Indígena Limão Verde: História e Memória. Dissertação (Mestrado em História). Dourados, UFGD, 2012.

MENDES, Cristiano Pereira. Feirantes Terena da “Kali Lâvona”. Trabalho de Conclusão de Curso. 2023. (História). UFMS/CPAQ, Aquidauana.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. Territorialidade e Práticas Agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidade Terena. (Dissertação de Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. Campo Grande /MS.2006,122p.

MONTEIRO, John Manuel. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, A L.; GRUPIONI, L. D. B. (Org.) A temática indígena na escola : novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília : MEC/MARI/UNESCO, 1995, p. 221-228

MUSSI, Wanderléia Paes Leite. Tronco velho ou ponta da rama? a mulher indígena Terena nos entrelugares da fronteira urbana. Patrimônio & Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.1, 2008 p. 42-57.

SANTOS, Tatiana da Silva Lima dos. A agricultura Terena da aldeia Limão Verde: do plantio à feira indígena de Aquidauana. Trabalho de Conclusão de Curso. 2017. (História) UFMS/CPAQ, Aquidauana.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili Mulher Terena: dos papéis tradicionais para atuação sociopolítica. Dissertação 2012,144p. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili. O protagonismo das seno terenoe-Mulheres Terena. Tese de Doutorado (Ciências Sociais: Antropologia) -Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC SP). São Paulo, 2018, 240p.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 15h do dia 19 de junho de 2026, via plataforma GoogleMeet, em sessão aberta, foi iniciada a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SÊNOHIKO TÊRENOE ÍHAE VÍPUXOVOKU YA PÂNANA, KAVÁNETIHIKO YA PITIVÓKOKE MULHERES TERENA INDÍGENAS FEIRANTES DA ALDEIA BANANAL: VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E O PROTAGONISMO** realizado pelo discente **LAÉRCIO MARIANO PEREIRA** e apresentado ao Curso de História, do Campus de Aquidauana, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História, sob orientação da Prof.^a Dra. Vera Lúcia Ferreira Vargas Cesco. Após a apresentação do trabalho por parte do seu autor, as docentes Prof.^a Dr.^a Iára Quelho de Castro e Prof.^a Me. Janete Andrade de Lima arguiram o discente no que tange à sua pesquisa. Tendo o autor respondido às questões e feito suas considerações finais, a banca reuniu-se para deliberar o que segue: a banca examinadora resolve pela **APROVAÇÃO** do trabalho supracitado.

Encerrada a sessão pública de defesa, segue a ata assinada pela sua orientadora e as arguidoras.

Aquidauana, 19 de junho de 2026.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Janete Andrade de Lima, Usuário Externo**, em 19/06/2026, às 17:26, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Vera Lucia Ferreira Vargas, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2026, às 17:39, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Iara Quelho de Castro, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2026, às 17:59, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6480708** e o código CRC **593E068C**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (LICENCIATURA)

Rua Oscar Trindade de Barros, 740 - Bairro da Serraria

Fone: 6732412401

CEP 79200-000 - Aquidauana - MS

Referência: Processo nº 23450.001629/2021-15

SEI nº 6480708